

OUTRAS VOZES: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE RELAÇÕES HOMOAFETIVAS FEMININAS EM BLUMENAU

OTHER VOICES: ANALYSIS OF NARRATIVES OF FEMALE HOMOSEXUAL RELATIONS IN BLUMENAU

Carla Fernanda da Silva*

Celso Kraemer**

Fabiele Lessa***

A vivência da homossexualidade ainda é percebida como transgressão da norma, ou como patologia em função de uma postura tradicional das práticas sexuais, especialmente em Blumenau (SC), em que a moral constituída na sociedade se mostra repressora às diversas expressões de gênero. O beijo entre pessoas do mesmo sexo ainda é tabu, causa espanto, quando não, hostilidades. Tal cultura tem no modelo heterossexual seu referencial de sexualidade, imposto como correto, verdadeiro e natural.

Com essa percepção, surgiu o interesse em iniciar a pesquisa “*Outras Vozes: Análise das Narrativas de Relações Homoafetivas Femininas em Blumenau*”¹, que tem por objetivo fazer uma cartografia de vivências homossexuais femininas, por meio da ‘história oral’ e de pesquisa em fontes primárias (diários e escritos íntimos).

Após as reflexões da Escola dos Annales, inspirada nos estudos de Michelle Perrot, é que pesquisas sobre a história das mulheres iniciou-se em Santa Catarina e o relativo silenciamento da narrativa histórica local sobre a mulher tomou novos rumos, aos poucos dando visibilidade às mulheres como sujeitos da história, tendo como referências Joana Maria Pedro, Cristina Scheibe Wolff, Marlene de Fáveri, entre outros (PEDRO, 1994, 1997 e 2010; WOLFF, 2001 e 2007; FAVERI, 2007 e 2010).

No entanto, em Blumenau, ainda se verifica mais escritos e publicações sobre os imigrantes homens que ‘desbravaram’ as matas e construíram a cidade, do que sobre mulheres que aqui chegaram. Poucas fotos de mulheres foram publicadas em livros comemorativos e em periódicos importantes da cidade, como a revista Blumenau em Cadernos, conduzindo o olhar somente aos monumentos erigidos, hegemonicamente masculinos. Estas imagens, propagadas em torno de uma identidade única para a cidade, desmerecem sua diversidade, produzindo um silenciamento e esquecimento sobre a atuação histórica das mulheres. Tânia Navarro-Swain ao longo de seus estudos sempre questionou os silêncios e esquecimentos da história, em especial o seu artigo “*O que a História não diz, nunca existiu?*” (NAVARRO-SWAIN, 2011), em que exorta-nos a questionar e pesquisar estes silêncios, produzidos por uma sociedade heteronormativa e alicerçados por uma teoria

historicista/positivista.

Também sobre silenciamentos e esquecimentos, são importantes as discussões de Judith Butler (BUTLER, 2003), que traz diversas reflexões sobre a escrita feminista, onde constrói seu estudo a partir da análise de autoras como Adrienne Rich, Luce Irigaray e Simone de Beauvoir, apontando para novos caminhos dentro desta escrita.

Butler questiona a forma 'naturalizante' como a sociedade contemporânea construiu e mantém suas concepções de gênero. E, a partir dos estudos de Foucault, desenvolve o conceito de *heterossexualidade compulsória*, atrelado ao conceito das 'relações de poder' (FOUCAULT, 1980): "O poder jurídico 'produz' inevitavelmente o que alega meramente representar; conseqüentemente, a política tem de se preocupar com essa função dual do poder: jurídica e produtiva" (BUTLER, 2003, p. 19). Nesta ótica, a sua teoria elucida como as representações, os significados e significantes produzidos através da "matriz heterossexual" ou "a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica" (BUTLER, 2003, p. 41). O deslocamento da hegemonia da heterossexualidade propõe este olhar plural: "Quando a desorganização e desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde sua força descritiva" (BUTLER, 2003, p. 194). Assim, já não é mais coerente por nenhuma via ou categorias de análise, fixar-se aos binarismos e, portanto, a influência de Butler se faz presente na historiografia de Tânia Navarro-Swain, que nos permite adentrar no campo do silenciamento histórico. As narrativas históricas localizam-se neste efeito dicotômico, mas que só resistem nesta função rígida por estarem inseridas no âmbito médico-jurídico como norma reguladora e verdadeira:

A produção histórica tem criado naturalizações, generalidades, que fazem das relações humanas uma eterna repetição do Mesmo; mesma divisão binária baseada no biológico, no genital, cujo referente é o masculino; mesma concentração de poderes e instituição de hierarquias entre os sexos; mesma compulsão à heteronormatividade, baseada na reprodução, ordem divina. Nas narrativas históricas confundem-se valores e fatos, representações e verdades incontornáveis (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 2).

O fundamento teórico-metodológico da pesquisa parte das abordagens de 'arqueologia dos saberes', método no qual Michel Foucault desenvolveu suas primeiras pesquisas, e que permite analisar a formação histórica dos discursos. A partir deste método é possível realizar a compreensão da formação dos enunciados, sendo estes uma "descrição dos acontecimentos discursivos" (CASTRO, 2009, p. 138).

A abordagem arqueológica não se dá pela busca de um princípio, mas sim em refletir sobre a regularidade dos enunciados, visto a formação discursiva não se compreender como um texto contínuo, mas por vezes ser composto de contradições e descontinuidades. Assim, a arqueologia dos saberes em Foucault, a partir de um recorte histórico, nos auxilia a pensar a episteme homossexual a partir dos relatos de vida, visto que a *“arqueologia caracteriza-se pela variação constante de seus princípios, pela permanente redefinição de seus objetivos, pela mudança no sistema de argumentação que a legitima ou justifica”* (MACHADO, 1981, p. 57).

A narrativa de vida tem como lastro uma prática de afirmação, assim, pensar os relatos de vida como uma possibilidade de discutir seus saberes discursivos é uma forma de analisar a representação da sociedade, assim como as formas de transgressões de seus valores. Neste caso, o método possibilita esta *“análise das condições históricas de possibilidade que fizeram que em um determinado momento somente determinados enunciados tenham sido efetivamente possíveis e não outros”* (MACHADO, 1981, p. 57).

Como método de registro das narrativas de vida, foi proposto o uso da história oral, que oferece uma mudança de ênfase nas pesquisas, pois abre caminho ao que até então pertencia ao indizível, amplia e cria novas áreas de investigação, além de enriquecer a ação histórica. É por meio do relato, a partir da metodologia da história oral, que podemos dar visibilidade a narrativas de vida que permaneceram no esquecimento, no silêncio da história. Thompson destaca que

a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser usada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história (...) pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas palavras (THOMPSON, 1992, p. 22).

A história oral possibilita na pesquisa em história a visibilidade da vivência de diversas pessoas, independente de seu gênero, classe social ou diversidade étnica, não restringindo as fontes a documentos escritos e imagéticos, cujas produções, podem estar restritas a grupos dominantes.

A pesquisa em desenvolvimento

Nos primeiros meses da pesquisa, dedicou-se à revisão bibliográfica, com o intuito de elaborar um rol de perguntas fundamentadas teoricamente, ou seja, para além de especulações cotidianas. A partir da leitura de Michael Pollak (POLLAK, 1987) e Didier Eribon (ERIBON, 2008) foi possível elaborar um roteiro

para as entrevistas, que não é necessariamente imutável, pois, conforme os primeiros relatos, alguns temas serão aprofundados, e toda entrevista reserva sua individualidade peculiar. Iniciamos com um breve diálogo sobre a infância, vida familiar e escolar, e somente após os primeiros minutos da entrevista é que questionamos sobre a 'descoberta' da homossexualidade e questões pertinentes a vivência homossexual, amizade, espaços de sociabilidade, preconceito, trabalho, entre outros assuntos.

Foram realizadas até o momento sete entrevistas com o tempo médio de uma hora, das quais quatro estão transcritas. Entretanto, é de se destacar que a pesquisa ainda encontra-se em andamento, e que se pretende ainda realizar diversas entrevistas, buscando compor um quadro com diferentes vivências e experiências. Para tanto, estão sendo convidadas mulheres de diferentes faixas etárias e profissões, fato que indica condições de possibilidades de analisar a representação homossexual feminina ao longo de algumas décadas e também em diversas classes sociais. Por conta da necessidade de mais registros para se desenhar uma cartografia mais ampla da homoafetividade feminina em Blumenau, neste espaço, optou-se por discutir especialmente o preconceito e a injúria (ERIBON, 2008, p. 30). Como modo de escrita, decidiu-se pela utilização de pseudônimos, por se perceber, já nas primeiras entrevistas, que o preconceito externalizado por meio da injúria pode expor as pessoas a agressões.

Nossa primeira entrevista foi com um casal de mulheres que, anteriormente, foram casadas com homens, cuja revelação da homossexualidade envolveu situações familiares difíceis, desde a ameaça da perda de guarda de filhos, perda de bens e a incompreensão de familiares próximos, como os pais e irmãos.

Patrícia relatou o momento em que sua família ficou sabendo de seu divórcio e de sua homossexualidade:

Enfim, foi muito difícil, em Florianópolis eu já falei pra mãe e pro pai e, para os meus irmãos que eu estava me separando, então eles começaram a pressionar. *'Porque tem alguém, porque só pode ter alguém, porque tem alguém...'* Eu falei pra minha irmã, e ela foi a pessoa que me acolheu. Ela disse: *'Se é isso que você quer, eu tô aqui, o que você quer? Vir morar aqui? Sair de casa? O que você precisa? Precisa de dinheiro?'* Ela pôs à disposição a vida dela, em favor da minha. E foi muito legal isso. Muito diferente da minha mãe. O pai silenciou, meu pai silenciou, porque daí a minha irmã contou pra eles, não fui eu que contei. E o meu irmão, nem aqui e nem lá, muito em cima do muro, o pai silenciou, o pai... Mas era o perfil dele também, como uma ostra. E a minha mãe começou a brigar comigo. Porque ela se colocou no lugar do meu ex-marido. E ele fez toda uma situação de vitimização. Minha filha tinha seis anos e daí ele ganhou o respaldo da minha mãe. Nós estávamos dormindo em quartos separados e, eu tentava

sair de casa. E ele me tirava todas as condições de sair de casa, pois dizia: *'Se você sair, eu dou abandono de lar, você perde a guarda da nossa filha.'* Essa tortura todos os dias. E foi muito difícil porque todos os dias, era aquela coisa: *'Você tem que desistir.'* Ele pegou o meu celular, pegou o extrato de contas, extrato de mensagem de textos, extrato de tempo das ligações para a Sara. Foi muito difícil, por um período...

Destacamos esse momento por compreendermos que a forma como o homossexual é recebido pela sociedade, ao expor-se, influencia nas suas relações futuras. Em suas discussões no livro *"Reflexões sobre a questão gay"*, Didier Eribon expõe que *"um dos princípios estruturantes das subjetividades gays e lésbicas consiste em procurar os meios de fugir da injúria e da violência, que isso costuma passar pela dissimulação de si mesmo"* (ERIBON, 2008, p. 31). Conforme esse relato, o ato de assumir, expor a homossexualidade é uma decisão difícil para a maioria das mulheres, pois a violência física ou psicológica de familiares as aflige.

Sara companheira de Patrícia, evidencia a dualidade vivenciada por homossexuais, pois num primeiro momento poderiam viver com tranquilidade os seus sentimentos, mas em razão da atitude preconceituosa presente na sociedade, é necessário repensar seus atos e falas, como uma proteção:

Eu não tenho memória de ter tido uma rejeição em relação ao sentimento comigo, mas eu tive certa proteção, por um tempo. Que não foi muito longo, uns seis meses. Essa proteção é de não externalizar, de não falar para as pessoas, de não contar, de ficar com o sentimento reservado pra mim. Primeiro por não saber o que era exatamente. E, o outro motivo pelo qual me protegi, foi por razão social, que é a questão da rejeição das relações homossexuais. Mesmo que você não viva a relação, você sabe que a sociedade, de um modo geral, discrimina. Mas quando identifiquei que era uma paixão, e que era uma história que eu queria viver aí eu comecei a contar para as pessoas mais próximas.

O temor não é apenas o preconceito e a violência que este pode gerar diante da sociedade, mas sim pelo fato de que a subjetividade homossexual é considerada inferiorizada. Numa concepção social que hierarquiza e estereotipa os sujeitos, aqueles que transgridem a normatividade, logo são rotulados de inferiores. Com base nas teorias de gênero, já citadas, concordamos que *"no se nace homosexual, se aprende a serlo. La carrera homosexual comienza con el reconocimiento de los deseos sexuales concretos y con el aprendizaje de los lugares y de las maneras de encontrar pareja"* (POLLAK, 1987, p. 76). Tanto quanto a subjetividade heterossexual, a subjetividade homossexual se constitui em suas relações sociais, como também no modo que interpela a sociedade. Nesse sentido, Eribon elucida que:

A homossexualidade não designa apenas uma classe de indivíduos definidos por preferências e práticas sexuais, mas também um conjunto de processos de 'sujeição' que são tanto coletivos quanto individuais, na medida em que uma estrutura comum de inferiorização está em ação e que tem ainda mais força porquanto é a mesma para todos e, no entanto, sempre específica para cada indivíduo (ERIBON, 2008, p. 78).

A inferiorização pode ser considerada uma reação diante da afirmação da homossexualidade do Outro, *"o heterossexual é obrigado a se pensar como heterossexual, embora até ali não tivesse que se fazer perguntas sobre a sua identidade e sobre a ordem social pela qual ela está instituída"* (ERIBON, 2008, p. 73). É preciso destacar que a reação negativa das pessoas é sentida pelo homossexual como uma injúria, e molda sua subjetividade, a partir de uma lógica de proteção. Sara, que trabalhou em escolas do Ensino Fundamental em Blumenau, relata como outras professoras reagiram diante da sua homossexualidade:

Além disso, tem uns episódios que eu me lembro... Bem no começo, lá na década de noventa, me lembro de uma situação, por exemplo, eu trabalhava no... (Unidade Escolar do Município de Blumenau) e eu era coordenadora, e todo mundo sabia do meu relacionamento homoafetivo. E teve uma das professoras que disse assim: *'Ah, se vocês quiserem pedir alguma coisa pra Sara, vai de mini-saia...'* Então, esse tipo é preconceituoso, porque está dizendo que você vai seduzi-la. E, quando eu trabalhei no (Unidade Escolar do Município de Blumenau) também aconteceu um episódio. Eu estava chegando em uma sala de aula e, dentro da sala, duas professoras conversavam uma dizendo pra outra: *'Ah, se foi ideia daquela sapatona eu sou contra.'* Falas assim.

Nota-se que não há uma racionalização dos fatos por parte das outras professoras, apenas uma demonstração de intolerância diante da diferença do Outro. A afirmação: *'Ah, se foi ideia daquela sapatona eu sou contra.'* – não são simples palavras:

São agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo (pois a timidez, o constrangimento, a vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das conseqüências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo (ERIBON, 2008, p. 27).

O insulto também está presente na infância, em que já se observa a compreensão de termos 'Bicha', 'Viado', 'Sapatão', 'Machorra', como injúrias, palavras usadas com intuito de ofender. Fato que podemos perceber por meio do relato de Lúcia:

Eu lembro, eu muito pequena, escutava dos meninos da escola, ou de outras crianças: 'Ô sapatão!' Não sei se foi esse o termo, não consigo te dizer, mas eu sabia o quê o termo queria dizer. Se referia ao fato de eu ser muito *confusenta*, não queria levar desaforo de algumas coisas, nunca me meti em briga também, nunca precisei brigar. Então, acho que eu já tinha uma postura que não seguia o padrão feminino: sentar com a perninha bem bonitinha e cruzada, botar o tic-tac no cabelo, era uma briga pra colocar vestido, não gostava, dizia pra mãe que aquilo me coçava, me dava alergia.

A percepção do gênero a partir do biológico conduz a uma concepção heteronormativa, cujas regras obedecem às significações culturais da sociedade, ou seja, uma condição pré-discursiva. Porém, é importante frisar que 'não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados.' (BUTLER, 2003, p. 48). Performatividade que é expressa em atos, vestimentas, jogo de corpo, pois a representação corporal dos gêneros contém uma significação cultural, que de fato se relaciona aos conceitos pré-discursivos:

a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2003, p. 197).

A imposição heteronormativa, desde a infância, mostra a dificuldade na discussão sobre a sexualidade, assim como impõe um *status* de inferioridade às diversas manifestações de gênero, visível nos insultos praticados. Em especial, as mulheres que foram educadas "*desde a infância no assujeitamento à representação 'da mulher', no singular, categoria que engloba, unifica, compõe uma única imagem do 'ser mulher', cujo sentido é unívoco, linear, composto em termos de sedução e/ou reprodução*" (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 53).

A injúria pode atuar sobre a subjetividade do homossexual, porém a segregação de fato não contribui para uma reflexão sobre a sexualidade, como afirmou Sara sobre os espaços homossexuais (boates, bares, etc.): "*É um gueto, e a gente não quer. A gente quer estar onde as outras pessoas estão, a gente quer*

dançar onde as outras pessoas dançam, e comer onde todo mundo come." Sua afirmação não é uma rejeição ou o que o senso comum diz de um 'preconceito consigo', mas sim uma reflexão sobre os rótulos estabelecidos para os gêneros. A igualdade se constitui no cotidiano, na convivência com a diferença, sem rótulos e inferiorização. A possibilidade da existência de espaços homossexuais tanto pode ser visto como uma conquista da visibilidade, como também a constituição de um espaço de segregação.

As entrevistas nos apontam vários assuntos pertinentes à homossexualidade feminina em Blumenau, tais como os espaços pensados como homossexuais, a constituição de uma família, a relação com filhos e filhas e como estes se relacionam com a homossexualidade de suas mães. Ao dar voz e visibilidade às mulheres homossexuais, por meio de suas narrativas de vida, possibilita-se uma discussão local e regional sobre a diversidade sexual, tanto no processo de pesquisa, quanto nos debates a serem propostos.

Refletir a partir da memória é refletir a partir do vivido, o que possibilita pensar as relações de poder, os modos de sujeição dos indivíduos, os efeitos de verdade-subjetividade e perceber os movimentos de resistência que representam uma ruptura com a norma estabelecida. Problematizar essa normatividade em relação às diversas expressões de gênero se faz essencial como forma de refletir sobre as diferenças.

Notas

* Carla Fernanda da Silva é Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professora do Curso de História da FURB - Universidade Regional de Blumenau. E-mail: escritadesi@gmail.com.

** Celso Kraemer é Doutor em Filosofia pela PUC/SP. Professor de Filosofia da FURB – Universidade Regional de Blumenau.

*** Fabiele Lessa é acadêmica do curso de História da FURB. Bolsista de pesquisa.

¹ A pesquisa é financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/FURB e pelo Edital de seleção pública de propostas para pesquisas em temas de Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos (Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA nº 020/2010). Além dos três autores, também compõe o grupo de pesquisa Sally Rejane Satler, advogada.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2009.

Centenário de Blumenau. Blumenau: Edição Comissão de Festejos, 1950.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis: Udesc, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1980. v. I.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia em Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita; FERREIRA, Cristina; WEISS, Ula. **A fibra tece a história: a contribuição da indústria têxtil nos 150 anos de Blumenau**. Blumenau: Sintex, 2000.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. **Estudos Feministas** (Edição em português, On-line), web, v. 1-2, jan/dez, 2002.

_____. Identidade, para que te quero? In: GONÇALVES, Ana Teresa Marques et all. (Org.). **Escritas da História**. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

_____. O que a história não diz, nunca existiu? As amazonas brasileiras. **Caminhos da História (UNIMONTES)**, v. 9, 2004.

_____. Lesbianismo: cartografia de uma interrogação. In: GOELLNER, Silvana, SOUZA, Jane de Souza, et all. (Org.). **Corpo, gênero, sexualidade**. Porto alegre: FURG, 2007.

PEDRO, Joana Maria Pedro. Mulheres do Sul. In: MORGA, Antônio Emílio. **História das mulheres de Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas; Chapecó: Argos, 2001.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994.

POLLAK, Michael. La Homosexualidad Masculina o: ¿La Felicidad en el Ghetto? _____. **Sexualidades Occidentales**. ARIÈS; BÉJIN; FOUCAULT y otros. Editorial Paidós, Buenos Aires, Argentina, 1987.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTIAGO, Nelson Marcelo; PETRY, Sueli Maria Vanzuita; FERREIRA, Cristina. **ACIB: 100 anos construindo Blumenau**. Florianópolis: Expressão, 2001.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Recebido em: fevereiro de 2010.
Aprovado em: maio de 2010.